

---

## NERUDA: A POESIA É UM OFÍCIO

Cássia Abadia da Silva

Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia, mestranda em História pela mesma instituição, na linha de pesquisa “História e Cultura”, bolsista CNPq.

[cassia.hist@gmail.com](mailto:cassia.hist@gmail.com)

## NERUDA: A POESIA É UM OFÍCIO

## NERUDA: LA POESÍA ES UN OFICIO

Cássia Abadia da Silva

### RESUMO

Acreditando nas possibilidades de um diálogo frutífero entre História e Literatura é que propomos a nossa pesquisa que ora apresentamos em parte, por meio desta escrita que versa sobre o engajamento intelectual, político, social e cultural do poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), para tal tomamos sua produção, principalmente as obras Para Nascer Nasci e Confesso que vivi, publicações póstumas. A primeira resulta de textos publicados em diversos lugares e temporalidades e a segunda é sua "autobiografia", suas memórias que ficara inacabada. Cabe ressaltar que a finalidade aqui não é fazer um estudo biográfico, nem mesmo empreender uma análise que se pautar por questões estéticas da escrita de Neruda, e, sim, buscar captar alguns de seus temas e a forma como estes são apresentados em seus versos e na prosa, pensar a relação do poeta com seu ofício, com seu povo, sua terra, com causas de seu tempo. Relações estas que eram consideradas por ele como um dever.

### PALAVRAS-CHAVE:

História e Literatura; Poesia; Engajamento intelectual; Pablo Neruda.

### RESUMEN

Crear en las posibilidades de un diálogo fructífero entre la Historia y la Literatura es que proponemos nuestra investigación que ahora se presenta en parte, a través de este escrito que se ocupa del compromiso intelectual, político, social y cultural del poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), para tomar este tipo de producción, principalmente trabaja Para Nascer Nací y Confieso que he vivido, publicaciones póstumas, los primeros resultados de los textos publicados en diferentes lugares y tiempos, y la segunda es su "autobiografía", sus memorias que quedaron sin terminar. Tenga en cuenta que el propósito aquí no es hacer un estudio biográfico, ni siquiera emprender un análisis que funciona de acuerdo con los problemas estéticos de la escritura de Neruda, y, sí, tratan de capturar algunos de sus temas y la forma en que se presentan en sus versos y prosa, pensar la relación del poeta con su arte, con su gente, su tierra, con las causas de su época que fue considerado por él como un deber.

### PALABRAS CLAVE:

Historia y Literatura; Poesía; Compromiso intelectual; Pablo Neruda.

## INTRODUÇÃO <sup>1</sup>

Tendo a finalidade de compreender as distintas experiências vividas por Pablo Neruda, ao longo de sua vida e de suas atuações é que escolhemos tomar para análise a obra póstuma, *Para nascer nasci*, lançada em 1979. Por ser um compilado de textos ou de versos em prosa, escritos em diferentes momentos, para distintas ocasiões e publicadas em lugares múltiplos, desde jornais a prefácios de livros, ela nos permite entender como o engajamento cultural, político e social do poeta perpassa toda sua produção.

A própria vida de Neruda passou por profundas transformações, com o objetivo maior de sempre estar a serviço da construção e da organização de outra realidade, em que todos os homens tivessem oportunidades iguais, ele acreditou e apostou no projeto de construção de um novo homem que se pautasse pela liberdade, a bondade, a fraternidade e a solidariedade.

Que tempos foram estes em que parte da intelectualidade saiu do casulo de prestígio e superioridade social para ir às ruas cantar, a levantar a bandeira da luta, para insurgir a revolução? Acreditamos que a relação entre a produção artística/cultural e as questões políticas e sociais pode contribuir no entendimento da obra referenciada (juntamente com suas demais produções), pois todos os cadernos são permeados por esse complexo “feixe de relações” que indicam a militância do autor.

Quais questões presentes na escrita e nas atuações sociais/políticas que nos permitem considerar Pablo Neruda um intelectual orgânico, como propõe Antonio Gramsci? Que grupo diz representar e organizar? Em que consistia o desejo de construir outra realidade/sociedade e em quais causas se engajou?

Considerando que Neruda foi um intelectual que se pautou pelo “imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, já que não apenas orador puro - e superior” (GRAMSCI, 1978, p. 8) é que nos voltamos para a obra escolhida, observando a maneira como o autor organiza suas ideias, quais os seus temas, seus sujeitos e as mudanças tanto na sua poesia como na sociedade.

Cabe apresentar ao nosso leitor que a análise não se detém na obra como um todo, mas em alguns temas, os quais gostaríamos de compreender, evidenciar e analisar. Assim, selecionamos alguns textos de determinados cadernos. Tendo em vista que a obra literária é

---

<sup>1</sup> Este artigo advém de parte do texto monográfico intitulado: *O poeta não é uma pedra perdida – reflexões acerca do engajamento intelectual de Pablo Neruda em Para Nascer Nasci*, o qual foi apresentado em fevereiro de 2014, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dilma Andrade de Paula.

um elemento da cultura, submetida aos mecanismos da sociedade, a tomamos como uma leitura de época (tempo e espaço, o que está posto) que permite visualizar, interpretar uma dada realidade.

### **O PAPEL DA POESIA E DA LITERATURA PARA NERUDA**

Falar sobre o papel do ofício de poeta, para Neruda, também nos faz pensar no nosso próprio ofício, nos leva a refletir sobre a função do historiador, da história no cotidiano e na sociedade. Assim, talvez seja pertinente voltar à indagação que, de certa forma, inspirou Marc Bloch na escrita de seu livro inacabado, “para que serve a história?” (BLOCH, 2001, p. 41). Surpreendentemente, uma das respostas possíveis nos aproxima com o que a poesia e a literatura têm como objetivo: cantar, remeter, refletir, contar, tudo que possa expressar a existência humana em diferentes temporalidades e espaços.

Assim como muitos historiadores tomam por função o comprometimento social e político, buscando dar um lugar a muitos sujeitos que ficaram à margem da história, pelo menos da historiografia, poetas como Pablo Neruda consideraram como função do ofício o engajamento frente às causas que desafiam o contexto em que viveu. Deste modo, a poesia e a literatura contam e fazem do verso e da prosa espaço para aqueles que, às vezes, nem têm a condição de lê-los.

Ao escolher determinados temas e sujeitos, demonstramos a percepção de mundo que temos, apresentamos nosso comprometimento, a que e a quem nos colocamos a serviço e, principalmente, qual a perspectiva de história que queremos construir e escrever. Deste modo, propomos analisar qual era a relação de Pablo Neruda com a poesia, a literatura, sobre o que sua escrita deveria se debruçar, quais eram seus temas e sujeitos, seu comprometimento e sua conduta enquanto poeta, afinal ele foi:

Onipresente no nosso século pelo ímpeto estritamente visceral, subliminar, obscuro, subterrâneo, onírico, inconsciente, telúrico, intuitivo de sua melhor poesia, vulcânica como uma energia da natureza. Sua voz é a voz da própria matéria germinal do universo, à qual se tenha dado som e timbre humano. Em meio a tantos surrealismos de laboratório, obscuridades de gabinete, profundidade de botequim, este habitante da América soube realmente colocar seu coração nessas profundezas irracionais da alma e do mundo, das quais irrompe a palavra mágica, hipnótica, sonâmbula de sua poesia, não por isso desprovida de uma rara habilidade formal, inconsciente, porém mais efetiva que todas as sabedorias de retórica. (LANGLOIS, 1988, p. 10)

Para analisar o proposto, selecionamos dois cadernos da obra *Para nascer nasci* (Caderno 4: Navegar no fumo e Caderno 7: Pablo Neruda fala) e alguns textos de um caderno

do livro *Confesso que vivi* (caderno 11: A poesia é um ofício), que evidenciam claramente a preocupação do poeta em refletir acerca da função, do papel de ser um intelectual, um poeta em seu país.

Tomemos primeiramente o caderno 11 “A poesia é um ofício”, o título é convidativo, nos leva a pensar sobre o que é este ofício e a maneira como Neruda o concebe. Assim como ele chama seu leitor a conhecê-lo, também te convidamos a ler essas proposições, a acompanhar o caminho percorrido até chegar a elas.

“O poder da poesia”, o primeiro texto do caderno, nos mostra como é contraditória a afirmação de que suas obras muitas vezes não eram acessíveis a grande maioria das pessoas. Da mesma forma que acusaram um dos maiores poetas da poesia política e de cunho “popular”, o russo Vladímir Maiakóvski, de ser “incompreensível para as massas”, Neruda soube lidar bem com essa acusação, feita na maioria das vezes por críticos especializados ou, como ele diz, por seus “inimigos literários” em jornais da época e/ou outros meios.

A poesia, para Neruda é um campo privilegiado, pois ele acredita que ela consegue alcançar os seus sujeitos, seus interlocutores nas mais diversas situações “entre guerras, revoluções e grandes movimentos sociais” (NERUDA, 2007, p. 295). A ideia de que seus versos poderiam ser ouvidos para além daqueles tidos como comuns e tradicionais leitores, alcançando aqueles que talvez nem aprenderam a ler como a maioria dos trabalhadores, sejam eles nas minas ou nas fábricas. Isso nos faz pensar também na fala de Gramsci, de que todos os homens podem e são intelectuais:

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1978, p. 8)

O poeta nos conta de alguns episódios que jamais imaginava viver. O primeiro deles se trata de uma visita ao sindicato de um grande mercado popular em Santiago, descrito por Neruda como um local de trabalho, onde circulam pessoas simples, o que de certa forma lhe assustou quando chegou para realizar sua conferência:

Sentados em caixotes ou em improvisados bancos de madeira, uns cinquenta homens me esperavam. Alguns levavam à cintura um saco amarrado à maneira de avental, outros se cobriam com velhas camisetas remendadas, e outros desafiavam o

frio mês de julho chileno com o torso nu. [...] Todos me olhavam com os olhos negros e estáticos do povo de meu país. (NERUDA, 2007, p. 295-296)

Neruda se perguntava sobre o que dizer àqueles trabalhadores, afinal, só levava consigo um exemplar de seu livro *Espanha no coração*, o qual, depois, passou a compor uma parte da publicação do *Terceira residência*, um conjunto de poemas sobre a experiência vivida durante a Guerra Civil Espanhola. Iniciada a leitura dessa obra, considerada de grande complexidade poética e estética, seus versos são ouvidos atentamente, de tal maneira que chega a comover Neruda, principalmente ao final, quando um dos trabalhadores agradece a leitura de seus versos, enquanto outros tantos choravam.

O que teriam nestes versos que cantam a brutalidade e o sofrimento do povo espanhol que foi capaz de tocar aqueles trabalhadores que também sofriam as mais adversas situações/condições de pobreza e exploração? O que teria recitado que poderia se aproximar ao cotidiano daquelas pessoas? Não sabemos ao certo uma resposta, contudo, acreditamos, assim como Neruda, que deva ser o poder incalculável da poesia de tocar as pessoas, de aproximá-las.

Neruda ainda relembra que seus versos também foram espaço de defesa da imagem de sua amiga, a “revolucionária italiana” Tina Modotti, que faleceu no México e, frente ao ocorrido, a imprensa levantou diversas ofensas. Outro episódio foi um comício político, em que dez mil mineiros ouviram atentamente os seus versos, “meu poema cresceu então e readquiriu como nunca seu tom de luta e de libertação” (NERUDA, 2007, p. 299).

Relata que, em sua juventude, se envolveu em uma briga num “cabaré” e, ao fim, um dos envolvidos reconheceu o poeta, lhe revelando que sempre teve grande admiração principalmente por seus versos apaixonados. O caso final foi sobre um avião de espionagem que caiu em solo soviético, ou melhor, derrubado por mísseis. Os repórteres foram atrás desse acidente e os dois “artilheiros” responsáveis pelos lançamentos, ao serem questionados sobre o que faziam naquele lugar insípido e frio, um deles indagou que lia e, dentre seus escritores, estava Neruda.

Estes vários casos rememorados por Neruda, mostram como sua poesia conseguiu atingir seu público, seja ele um leitor de jornal, ou um mineiro, um trabalhador, os mais diversos sujeitos sociais e históricos, os quais o poeta busca evidenciar, se aproximar em sua escrita.

Após demonstrar esse poder da poesia em falar e chegar ao inimaginável, Neruda se debruça sobre o lugar que tem ocupado a poesia neste mundo acelerado, ele que não chegou a vivenciar essa era digital, em que a leitura é cada vez mais realizada não apenas em livros, mas em múltiplos aparelhos tecnológicos (computador, tablet, celular...), estando disponíveis de forma acessível e rápida milhares de obras digitalizadas, além da diversificação dos tipos de leituras.

No entanto, Neruda já observava e assinalava as mudanças no hábito de ler, e questionava qual seria o lugar que ocupava a poesia e os livros? Apontando que não há mais espaço e tempo para livros e versos, a produção e circulação parecem ficar entre o próprio meio, ou seja, entre os demais poetas. Chamando atenção para essa recorrente situação, Neruda propõe mudanças, sendo necessário retomar uma relação com os distintos leitores, que é o que lhe interessa, como atesta:

A poesia perdeu seu vínculo com o leitor... É preciso recobrá-lo... É preciso caminhar na escuridão e se encontrar com o coração do homem, com os olhos da mulher, com os desconhecidos das ruas, dos que a certa hora crepuscular ou em plena noite estrelada precisam nem que seja de um único verso... Esse encontro com o imprevisto vale tanto pelo tanto que a gente andou, por tudo o que a gente leu e aprendeu... É preciso perder-se entre os que não conhecemos para que subitamente recolham o que é nosso da rua, da areia, das folhas caídas mil anos no mesmo bosque... e tomem ternamente esse objeto que nós fizemos... Somente então seremos verdadeiramente poetas... Nesse objeto viverá a poesia ... (NERUDA, 2007, p. 303)

Contudo, como seria a aproximação com o “coração do homem”, como adentrar o cotidiano dos “desconhecidos da rua”? Para o poeta, era preciso ter uma conduta não só para criar uma relação com o leitor, mas e principalmente para compor o seu ofício, para chegar a estes leitores, como quem procura reconstituir laços é necessário saber o que é o coração do homem, o que nele faz pulsar, o que nele causa angústia e dor.

Aqui, entramos em uma questão essencial na produção de Pablo Neruda, ele que foi reconhecido como um grande intelectual, comprometido com seu ofício: o que implicaria ser um poeta para ele? Voltemo-nos para o caderno 4 (Navegar no fumo) de *Para nascer nasci*, ao analisá-lo, podemos elencar alguns assuntos tratados pelo poeta, dentre estes está a poesia, seus temas, seus lugares, os objetos e os sentimentos que a incitam.

Os nove primeiros textos são reflexões sobre a poesia e seus escritos. Em seus quatro textos iniciais, escritos na década de 1930 para a revista espanhola *Caballo*, o poeta se volta para uma discussão recorrente neste período, e que de certa forma marca sua poética, em

“Conduta e poesia”, um dos referidos textos, Neruda ataca de certa forma aqueles escritores que, com o passar do tempo, se tornam apenas “artistas” e escrevem apenas sobre seus temas e pessoas prediletas, esquecendo que:

O tempo lava e desenvolve, ordena e continua.  
E, então, que fica das pequenas podridões, das pequenas conspirações do silêncio, dos pequenos frios sujos de hostilidade? Nada, e na casa da poesia nada permanece a não ser o que foi escrito com sangue para ser ouvido pelo sangue. (NERUDA, 2011, p. 137)

O que há por trás dessas palavras de Neruda? Primeiramente, a discussão sobre o que e a quem a poesia deveria voltar-se, seus temas, qual seria seu compromisso com as questões desafiantes de sua época. Ele escreve este texto e outros três que comentaremos logo em seguida, presenciando as atrocidades cometidas durante a Guerra Civil Espanhola, diante de milhares de pessoas que perderam suas vidas e da falta de comprometimento de muitos artistas/intelectuais que fecharam seus olhos e preferiram não tocar neste tema, preocupando-se com questões puramente estéticas de suas produções.

O escritor, enquanto todos dormem (os “seguros geógrafos”, os empresários, os advogados, os destinatários), escreve questionando a si e aos leitores: qual é o tema do poeta, a quem e sobre o que fala? Quais caminhos a serem percorridos? A que lugares pertencem os temas da poesia e que lugar a mesma quer alcançar? Os temas da poesia e o lugar que o poeta quer adentrar com sua poesia é o coração, para ele a poesia é:

Como a lava ou trevas, como tremor bestial, como badaladas sem rumo, a poesia mete as mãos no medo, nas angústias, nas enfermidades do coração. Sempre existem do lado de fora as grandes decorações impostas pela solidão e o esquecimento: árvores, estrelas. O poeta trajado de luto escreve agitado muito solitário. (NERUDA, 2011, p. 138)

Um dos textos que também merece atenção especial é “sobre uma poesia sem pureza”, este talvez seja o que mais causou repercussão no momento de sua publicação original. Para além de palavras que buscam mostrar a infinidade dos temas da poesia, o embate colocado mais uma vez é sobre o que deve escrever o poeta, qual sua postura perante aos acontecimentos políticos e sociais.

Neruda mostra que, frente às questões da época, não cabia mais a pureza, escrever apenas por escrever, a arte pela arte, não fazia mais sentido diante dos desafios presentes naquela sociedade, era preciso mais que ressaltar a forma, voltar-se para o conteúdo, a arte deveria dar continuação à luta das ruas, mais que uma metrificação perfeita dos versos, deveria buscar uma poesia que fosse:



...desgastada como por um ácido pelos deveres da mão, penetrada pelo suor e a fumaça, olente à urina e à açucena salpicada pelas diversas profissões que exercem dentro e fora da lei.

Uma poesia impura como um traje, como um corpo, com manchas de nutrição e atitudes vergonhosas, com rugas, observações, sonhos, vigílias, profecias, declarações de amor e de ódio, animais, sacudimentos, idílios, crenças, políticas, negações, dúvidas, afirmações, impostos. (NERUDA, 2011, p. 140)

O poeta propôs e lutou por uma “poesia impura”, capaz de falar dos diferentes sentimentos que afligem o coração humano e da complexa relação entre homem, natureza e sociedade. Em 1957, num prólogo para edição brasileira de algumas de suas obras, retoma essa discussão chamando a atenção como determinados pesquisadores de sua poesia gastam tinta e mais tinta falando de teorias, construindo uma imagem deturpada do poeta como um ser superior aos demais homens, criando assim um afastamento de seus leitores, o que para Neruda seria um grande perigo, uma tentativa de afastar o poeta de seu povo. Assim, ele propõe deixar de lado essa produção de textos que tentam mitificar a poesia e ir buscar o que é realmente importante:

Eu me nego a mastigar teorias e convido qualquer um a entrar comigo num bosque de carvalhos rubros no sul do Chile, onde comecei a amar a terra, numa fábrica de meias, numa mina de manganês (ali os operários me conhecem) ou em qualquer parte onde se pode comer pescado frito. (NERUDA, 2011, p. 143)

Com estas palavras, Neruda demonstra mais uma vez uma postura que se consolidou ao longo de sua produção e que nos permite afirmar ser um intelectual orgânico que se coloca a serviço da sua classe, do grupo ao qual escolheu representar, ou, melhor dizendo, ao qual, ao longo de sua vida, esteve atrelado “a pobre gente explorada”.

Já que estamos analisando o caderno 4 de *Para nascer nasci*, terminemo-lo para retornar ao caderno 11 de *Confesso que vivi*. Para além do prólogo citado acima, a outros que Neruda faz algumas considerações acerca da obra em questão e também volta para detalhes do momento da edição inicial. Deste modo, rememora seus poemas “adolescentes” de *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, a maneira como esses primeiros amores se misturam com os elementos da paisagem, escritos sob essa dupla inspiração.

Referindo-se ao livro *Sumário*, deparamos com o tema da origem, questões que envolvem memória e esquecimento, como lembrar ou relembrar a sua infância, como falar dessas lembranças, além disso, confessa não ter esperado o tamanho prestígio de sua obra considerando como ele mesmo destaca as “solidões que me originaram”.

Ao falar de *Pájaros* encontramos uma espécie de testemunho do amor por sua pátria, “pássaros, passarinhos”, grandes paixões do poeta e por fim *La Lira Popular*, em que ressalta os “poetas do povo” espalhados por todos os cantos da América do Sul, as marcas deixadas por suas mãos, segundo Neruda uma “memória manual” que:

Enquanto os poetas se fecharam nos laboratórios, o povo prosseguiu cantando com seu barro, com sua terra, com seus rios, com seus minerais. Produziu flores prodigiosas, surpreendentes epopeias, amassou folhetins, relatou catástrofes. Celebrou os heróis, defendeu seus direitos, coroou seus cantos, chorou seus mortos. (NERUDA, 2011, p. 150)

Encontramos, para além destes prólogos, dois textos que remetem à peça teatral sobre Joaquín Murieta, a figura lendária que sai cavalcando pelas noites da Califórnia a fim de vingar a morte de sua amada, o fogo de suas aparições tem tanto brilho como o ouro que o mesmo desbravara. Envolto nesta mistura de realidade e lenda, Neruda decide escrever um texto sobre a figura de Murieta, ele que já foi lembrado ao longo dos anos através de músicas e poesias populares, agora seria representando no teatro.

“Uma vez mais em Temuco”, Neruda nos remete ao sentimento de regresso e o pertencimento a esta terra que o viu crescer, a este povo sofrido que escuta e aplaude sua poesia, a emoção lhe toma ao ver a herança viva da araucania através de suas “dolorosas melodias”, de como essa cultura luta para sobreviver frente à tentativa de apagá-la em detrimento da modernidade, construída sob a barbárie, “a única cidade do Chile com araucanos nas ruas” parece ter se tornada outra.

Este(s) regresso(s) é imbuído de lembranças que trazem os vestígios de seu povo, causando um sentimento de pertencimento ao passar por aquelas terras, além disso, o texto “a taça de sangue” faz menção à morte dos seus pais, como determinados fenômenos naturais tem uma conexão com sua vida.

Qual seria a “fragrância do regresso”, quais sentimentos ao retornar à sua terra, à sua casa? Tudo parece mudado, fora de lugar, a ausência causou transformações por todos os cantos. É necessário reconhecer aquele ambiente, assim como os antigos e permanentes moradores em relação àquele que retorna a casa. Neruda percebe as marcas de sua ausência, como destaca:

A biblioteca me reserva um olor profundo de inverno e postumeirias. É entre todas as coisas a que se impregnou de ausência. Este aroma de livros encerrados tem algo mortal que vai direto às narinas e as anfractuosidades da alma, porque é um olor a esquecimento, a lembrança enterrada.

[...] Os livros se dispersaram loucamente em minha ausência. Não é que faltem, mas mudaram de lugar. (NERUDA, 2011, p. 161-162)

Neruda, com sentimentos e sensações aflorados, sente misturar-se ao velho e ao novo, assim como os vestígios do inverno com o despertar da primavera. Como se reconhecer nesta antiga paisagem, mas que já não é a mesma, quem retornou já não é o mesmo que partiu outrora e, do mesmo modo, tudo que ficou não é mais como foi deixado? O novo está nas rosas ao florescer em meio ao inverno, mas também naquilo que o poeta trouxe de onde estava e assim se misturam os odores. Atentando para as mudanças ditas, será que foram os livros que realmente mudaram de lugar? Ou será que não foi o regresso que os mudaram a tal ponto de não reconhecer?

Apaixonado pela América, Neruda ressalta, em “Vamo-nos ao Paraguai”, as belezas de muitos dos países pertencentes à América do Sul, a riqueza de nossa história, demonstra sua imensa vontade de conhecer seus povos, de compartilhar com os irmãos os sofrimentos. Contudo, o Paraguai, para o poeta, é um destes lugares que anseia conhecer, de tal forma, como um leitor que almeja muito ler um livro e de passagem pelo Peru, diante daquela beleza dos resquícios inca, aponta ser ali a matriz de nossa América. De certa forma, também toca no tema do exílio, como podemos notar nas seguintes palavras:

Não sou um patriota desditado, nem conheço o exílio. Minha bandeira me envia beijos de estrela todos os dias. Não sou desterrado porque sou terra, parte de minha própria terra, indivisível, espaçoso. (NERUDA, 2011, p. 166)

Esta concepção (sobre o exílio) adotada por Neruda talvez seja aquela que lhe causou menos sofrimento, ao ter o sentimento de pertencimento ao lugar, para além do território físico, levando-o consigo, de forma que, no seu próprio ser, ele porta sua terra, ele é parte inseparável como qualquer outro elemento, ser vivo.

Ao encerrar a análise do caderno 4, alguns temas se sobressaem: primeiramente a questão da poesia, a maneira como ela se constitui enquanto ofício, seus temas, suas preocupações, os lugares de que fala, ficando evidente que a causa maior de seu canto são os homens. A aversão de Neruda aos estudos linguísticos e literários com suas desnecessárias classificações quanto à forma e ao conteúdo.

Em segundo momento, temos textos que revelam o amor e o comprometimento do poeta não com seu país, mas com a América, falam sobre mitos, lendas, nomes importantes. Conta nossa história marcada por exploração, derramamento de sangue e sofrimentos, em

uma paisagem apaixonante em cada ponto de “nuestra” América. Por fim, cabe apresentar que também temos dois textos que o poeta se debruçou acerca da vida e obra de dois grandes nomes da literatura, Ramón López Velarde e Shakespeare.

Retornando ao caderno 11 (A poesia é um ofício) de *Confesso que vivi* nos voltamos para o papel dos críticos, de que modo estes consideram o trabalho do poeta. Neruda aponta que muitos ainda permanecem com a ideia de que aqueles que trabalham com as letras, com a literatura, devem levar uma vida de extrema pobreza, alijados de bens materiais e serem assolados por pensamentos e sentimentos tristes, a dor seria a única condição de se escrever os versos mais perfeitos. Contudo, Neruda lutou por uma geração que não fosse de “poetas magros e fracos”, atestando que:

As coisas mudaram porque o mundo mudou. E nós os poetas, inopinadamente, encabeçamos a rebelião da alegria. O escritor desventurado, o escritor crucificado, faz parte do ritual da felicidade no crepúsculo do capitalismo. [...] Nós, os poetas, temos o direito de sermos felizes, uma vez que estamos ferreamente unidos a nossos povos e à luta pela felicidade. (NERUDA, 2007, p. 306)

A poesia se tornou um ofício no Chile, mas a custa de muita luta por tal reconhecimento, o que Neruda se alegra ao lembrar que não só participou destas lutas como também conseguiu alcançar o objetivo, pois, como relembra, no início de sua carreira, havia dois tipos de poetas, aqueles que tinham certo status social, que tinham dinheiro e/ou aqueles que viviam jogados pelas ruas e bares como loucos, sem falar naqueles frustrados que exerciam outras funções sonhando um dia poderem se dedicar à poesia.

Orgulhando-se do reconhecido respeito à poesia e seus poetas, aponta os desafios a serem enfrentados, pois surge uma grande quantidade de novos poetas/poetisas, não havendo leitores para todos, sendo necessário buscar outros leitores ou se destacar pelo que chamam de “originalidade”. Contudo, a originalidade não é mais que um “fetiche”, o viável seria criar uma personalidade ao longo da vida poética. Neruda nos diz que a personalidade de seus escritos, foi escrevê-los de tal maneira que são dedicados tanto para sindicatos como para universidades, retratando todos os temas possíveis e que pudessem, de certa forma, falar da “coletividade humana”.

Considerando a poesia enquanto ofício, tomemos o caderno 7, “Pablo Neruda fala”, em *Para nascer nasci*, em que encontramos uma série de pronunciamentos de Neruda em diferentes solenidades, nas quais seu discurso se voltou não só para sua experiência

enquanto poeta, mas como ser um poeta, um intelectual, este caderno em nossa opinião como um todo é o que mais nos toca.

“O poeta não é uma pedra perdida”, um dos mais bonitos textos já lido, foi proferido na cerimônia de doação do acervo de Neruda para a Universidade do Chile em 1956, composto por sua biblioteca pessoal e também de suas coleções, dentre elas a famosa coleção de caracóis (o acervo ainda se encontra na Universidade do Chile e aberto ao público). Acervo entregue num gesto de gratidão ao seu povo e ao seu país, a importante relação entre o poeta e seu povo foi ressaltada pelo reitor da referida universidade e também por Neruda em seu texto. Pois para o poeta sempre foi um dever dos poetas tecerem essa relação em todos os tempos independente do lugar e da condição que estejam submetidos, pois:

O poeta não pode ser desarraigado, a não ser pela força. Mesmo nessas circunstâncias suas raízes devem atravessar o fundo do mar, suas sementes seguir o vôo do vento, para se encarnar, uma vez mais, em sua terra. Deve ser deliberadamente nacional, refletidamente nacional, maduramente pátrio.

O poeta não é uma pedra perdida. Tem duas obrigações sagradas: partir e regressar. (NERUDA, 2011, p. 353)

“Partir” e “regressar”, Neruda viveu sob distintas condições essas duas situações, ele que desde muito jovem desejava viajar pelo mundo e conhecer as mais distantes e diferentes culturas, o que realizou ao longo de sua vida em suas atividades sem nunca deixar de ser um poeta chileno, um intelectual comprometido com seu povo. Mesmo quando Neruda teve que partir contra sua vontade, ou mesmo enquanto embaixador e cônsul fora de seu país, sempre em sua escrita e em suas reflexões o Chile era lembrado, tudo lhe remetia ao Chile, regressar foi o desafio constante para quem nunca foi um cosmopolita.

Em meios a tantas partidas, Neruda foi constituindo um acervo repleto de raridades, obras consagradas, algumas compradas, outras ganhadas e advindas de todas as partes, desde a União Soviética até a China, obras que representam de certa maneira a cultura universal. Os búzios da coleção significam os diferentes mares que conheceu, representando, juntamente com os livros de botânica e zoologia, seu fascínio pela flora e pela fauna, pelos bosques e mares, desde criança, sendo parte das experiências e vivências de Neruda ao longo de sua trajetória, como relata:

Todos eles formam parte da minha vida, da minha geografia pessoal. Tive longa paciência para procura-los, prazeres indescritíveis ao descobri-los e me serviram

com sua sabedoria e sua beleza. A partir de agora servirão mais extensamente, continuando a generosa vida dos livros. (NERUDA, 2011, p. 354)

Em suas memórias, relata o carinho que teve em juntar estas obras por trinta anos e que, por muito tempo, devido à tirania, foram trancadas, abandonadas intencionalmente, como Neruda confessa tristemente que “o certo é que se passaram vinte anos do fato, e ninguém tornou a ver nem meus livros nem meus caracóis. É como se houvessem retornado às livrarias e ao oceano” (NERUDA, 2007, p. 317), afastadas do acesso do povo nesta mesma Universidade que Neruda acreditava ser a estrela da bandeira de seu país, que idealizava ser no futuro a mais ampla e popular.

O acervo abriga distintos títulos que, para aqueles que os visitarem, não saberá explicar a lógica de quem os reuniu, como ressaltou o próprio poeta, pois cada item representa uma experiência, revela suas relações, como ele atesta, rememoram amigos queridos que, no momento de seu pronunciamento, já se foram, como Federico Garcia Lorca e Paul Éluard.

Enfim, para Neruda, estas obras revelam a beleza do conhecimento, a relação entre homem e natureza, o que fez deslumbrar, o levou a despertar sua consciência e a razão. Declarando-se não ser um pensador, os livros doados são reverenciais, fragmentos de sua vida enquanto poeta, o qual devolve para o patrimônio de sua pátria, ele que pertenceu a uma geração “antilivresca” e “antiliterária”, deixou esse tesouro para outras gerações, “olhos novos”, que foi para ele como profere:

São numa palavra, fragmentos íntimos e universais do conhecimento apanhados na viagem do mundo. Aqui estão.

[...] O esplendor destes livros, a flora oceânica desses búzios, quanto consegui ao longo da vida, apesar da pobreza e no exercício constante do trabalho, entrego-o à Universidade, melhor dizendo, dou-o a todos. (NERUDA, 2007, p. 356)

Em comemoração a seu 50º aniversário, Neruda pronuncia um discurso na Universidade do Chile, que o recebe cumprindo com honra e vitória as tarefas intelectuais. Comparando a poesia ao rio, fala sobre seus nascimentos, que acontece de forma invisível, silenciosamente a procura de um caminho, deste modo afirma:

Eu pensei: é assim que nasce a poesia. Vem de alturas invisíveis, é secreta e escura em suas origens, solitária e fragrante, e, como o rio, dissolverá quanto caia em sua corrente, buscará roteiro entre os montes e sacudirá nas pradarias seu canto cristalino.

Regará os campos e dará pão ao faminto. Caminhará entre as espigas. Nela saciarão a sede os caminhantes e ela cantará quando os homens lutam ou descansam. (NERUDA, 2011, p. 358)

Relembra dois grandes poetas, Rubén Dário e Gabriela Mistral, eles representam “a vida eterna da verdadeira poesia”, e mais uma vez ressalta esse importante laço do poeta com seu povo e sua pátria, confessando que tudo que viveu e escreveu foi uma maneira de se aproximarem, promovendo o conhecimento e o entendimento humano, por tudo isso segundo Neruda “vale muito ter lutado e cantado, vale muito ter vivido se o amor me acompanha” (NERUDA, 2011, p. 359)

Parabenizando os jovens que estavam participando de um festival, os saúda contando a história de nossa América, o legado que nossos ancestrais deixaram por meio do canto, da alegria, das canções e dos bailes de nossas terras que sobreviveram frente a tantas tragédias, heranças guardadas mesmo que mescladas por profundas dores. Assim como é dever do poeta, também é de todos o de manter este testemunho, este legado.

“A lavadeira noturna” é um dos muitos escritos do poeta que revelam sua admiração e paixão pelas mulheres. O texto é um discurso que fez para milhares delas, brinca que muitos poetas estariam o invejando diante da honra de se reunir com tantas mulheres chilenas. A mulher que foi sempre objeto de inspiração para tantos homens contraditoriamente viveu como inferior e /ou inatingível durante séculos, contudo homens e mulheres são iguais na luta cotidiana para melhorarem suas condições.

Neste texto também relembra de sua mãe, a qual lhe deu a vida e logo em seguida o deixou devido à tuberculose, o pai se casando novamente presenteou com outra mãe, aquela que o criou. Remete-se a outras milhares de mães, esposas, avós que passaram despercebidas pela história, por fim a lavadeira noturna, a qual fez um poema, lido diante dessas mulheres. Ele nunca soube quem era a lavadeira, todos os dias como um rito, a noite aparecia com suas velas e roupas, enquanto Neruda e Matilde (sua última companheira) a observavam ao longe, mas para o poeta não era um rito, como atesta:

Porém, poeta desta época, vi naquela lavadeira não um rito, mas uma dolorosa realidade e a vida de milhões de mulheres desta América imensa e desamparada. Aquelas velas, àquela hora, no inverno ou não verão, estariam igualmente alumando a dura tarefa de uma mãe do Equador, da Bolívia, da Venezuela. [...] essa lavadeira, essa mulher noturna lavando roupa, enquanto os filhos dormem, foi pra mim a heroína obscura de nossos povos. (NERUDA, 2011, p. 367)

Neruda, ao receber em 1968, uma homenagem da Universidade de Concepción, faz um discurso de agradecimento emocionante, tocante para aqueles que ouviram e principalmente para aqueles que o leem décadas depois, primeiramente por falar da

importância de agradecer e do imenso conteúdo que expressa a palavra obrigado, palavra tão essencial para o convívio humano e tão esquecida em nossos dias. Neruda agradece não apenas ao Reitor por essa homenagem, mas a tudo que compõe as terras de seu país e de seu povo, foram destes que aprendeu a poesia e a retórica, desde sua adolescência foi desta paisagem que foram incitados seus versos.

Entretanto todas as experiências, vivências e acontecimentos dentro e fora do Chile “fizeram mudar cem vezes o traje da minha poesia” fala o poeta que lutou e esteve nas mesmas condições de seu povo, atentando que não foi mais que seu dever:

Os deveres do poeta foram talvez sempre os mesmos na história. A honra da poesia foi sair à rua, foi tomar parte nesse e naquele combate. O poeta não se assustou quando o disseram insurgente. A poesia é uma insurreição. Não se ofende o poeta porque o chamam subversivo. A vida ultrapassa as estruturas e há novos códigos para alma. De toda parte salta a semente, todas as idéias são exóticas, esperamos todo dia mudanças imensas, vivemos com entusiasmo a mutação da ordem humana: a primavera é insurrecional. (NERUDA, 2011, p. 371-372)

Estas palavras nos demonstram o grande intelectual que Pablo Neruda foi dentro e fora do Chile, não só como poeta, mas como homem engajado com as questões de época. Ele representa para nós uma inspiração com o seu compromisso e sua solidariedade para com o povo americano, nós que assistimos diariamente as tragédias que assolam nossa sociedade e nada fazemos, mal nos pronunciamos sobre elas. O nome de Neruda exprime a solidariedade e o engajamento, pelo qual tanto lutou durante décadas, como analisa José Carlos Rovira Soler, em artigo sobre essa temática:

Siempre testimonio solidario de un siglo en el que las cosas parece que anduvieron de forma diferente a la que el poeta calculó y profetizó. En secuencias posteriores construyó un espacio poético para la solidaridad hacia causas, gentes, grupos sociales, de los que quiso ser testigo y a los que quiso prestar la voz. El poeta se situó en profecías solidarias que reconstruyen una parte de la historia del siglo XX. (SOLER, 2004, p. 6)

As palavras de Soler nos mostram a tentativa incansável de Neruda na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Ao participar de uma reunião sobre a negociação da dívida externa de seu país, a qual havia crescido de forma vertiginosa nos governos anteriores a Unidade Popular aproveita para refletir da enorme dívida que todos têm no campo do conhecimento.

Demonstrando que a supremacia ora da Europa passou a ser ocupada por uma de suas antigas colônias americanas, E.U.A, tendo seu idioma ganhado respeito no mundo das letras, também aponta que outros países com outros idiomas não passaram despercebidos,



tendo uma produção abundante na poesia, que serve de fontes para todos aqueles que a tomam enquanto leitor ou no exercício do ofício de poeta.

Há que se destacar que novos países tomam a poesia, fazendo dela mais um espaço para suas lutas políticas, assim, Neruda diz ser necessário reconhecer a enorme dívida que todos têm com aqueles que escreveram anteriormente, que deram vida as letras, do peso que eles tiveram na constituição da cultura universal, que outros escritos e mais versos possam tocar e falar das lutas, da poesia e da história a outras gerações.

Neruda, após várias indicações, finalmente foi agraciado com o prêmio Nobel, em 1971, ocasião em que proferiu dois belos discursos que reforçam a sua conduta poética, o primeiro deles foi dedicado a todos os laureados do prêmio nesta edição, lhes falando da emoção de poder estar ali reunido com tantas pessoas de lugares, experiências, vivências, ideais, olhares, idiomas diferentes. Diante do “outro”, ele retorna à sua terra e dela recebe a luz que ilumina a referida festa, assim como o futuro de toda a América, que luta por deixar sua condição de explorada e subjugada. Fazendo de sua poesia espaço para essa mesma luta, Neruda acredita e sente estar em meio a toda a multidão, pois ali estavam à presença invisível de todos.

Já o outro discurso é em agradecimento ao prêmio, em que realiza uma longa viagem pelas terras de seu país, por suas cordilheiras e mares, por suas paisagens solitárias e fascinantes aos olhos deste poeta que as cantaram em dezenas de livros e centenas de versos e que, apesar de receber tal honraria, diz não ter receitas para deixar, pois a poesia deve nascer das relações que estabelece o poeta com tudo ao seu redor, cumprindo o dever de ajudar a restabelecer os laços com a natureza e entre os homens, a comunicar com todos.

A produção poética deve ser um instrumento de trabalho, foi assim que Neruda fez de sua poesia, um trabalho necessário assim como o pão ou vinho, tomando como seu dever vivenciar igualmente a todos as lutas e os desafios sociais, incorporando-os em seus poemas, com essa postura extremamente engajada com seu ofício, sua pátria, a América e seus povos, acredita que a “poesia não terá cantado em vão”, a partir de tudo isso compreendeu seu compromisso como ele mesmo demonstra:

Compreendi, metido no cenário das lutas da América, que minha missão humana não era outra senão a de agregar-me à extensa força do povo organizado, agregar-me com sangue e alma, com paixão e esperança, porque somente desta transbordante correnteza podem nascer as mudanças necessárias aos escritores e aos povos. E,

ainda que minha posição levantasse ou levante objeções amargas ou amáveis, o certo é que não acho outro caminho para o escritor de nossos vastos e cruéis países, se queremos que floresça a escuridão, se pretendemos que os milhões de homens que ainda não aprenderam a ler-nos nem a ler, que não sabem ainda escrever nem escrever-nos, se estabeleçam no terreno da dignidade, sem a qual não é possível ser homens integrais. (NERUDA, 2011, p. 415)

## A RELAÇÃO DO POETA COM SUA “TERRA AUSTRAL” E SEU OLHAR SOBRE “OUTRO”

No desenvolvimento da pesquisa histórica se faz de grande importância a localização do objeto e principalmente de seus sujeitos, em que lugar estes estão inseridos, em nosso caso essa questão merece uma atenção especial, pois a produção e atuação do poeta está toda permeada por essa relação com o seu lugar de origem, referenciando as paisagens que compõem suas lembranças e muitas das vezes dos seus poemas.

No trabalho com o material de pesquisa, em especial com *Para Nascer Nascer e Confesso que vivi*, sobressai aos nossos olhos essa relação apaixonante que Pablo Neruda estabelece com seu país de origem e também com a América, uma espécie de compromisso em cantar a todos os cantos do mundo os desafios vividos no espaço que o rodeia, a levantar críticas sobre a condição que nós americanos fomos submetidos desde a colonização, sofrendo de distintas formas com a interferência externa, o que dá significado a sua poesia, como nos mostra:

Se minha poesia tem algum significado, é essa tendência espacial, ilimitada, que não se satisfaz em um lugar só. Minha fronteira tinha que ultrapassar a mim mesmo, não me tinha confinado no enquadramento de uma cultura distante. Eu tinha que ser eu mesmo, esforçando-me por me estender como as próprias terras, onde me tocou nascer. (NERUDA, 2007, p. 305)

Assim, percebemos que essa relação com o Chile e a América faz parte da postura engajada deste intelectual, assim, quando analisamos sua concepção sobre o que é a poesia e a literatura, fica evidente que seja em verso ou prosa sua escrita deve ser lugar para expressar as belezas e as dores do povo chileno e americano, Neruda conta que muitas vezes foi difícil alcançar seu objetivo inicial, ser ouvido.

Como expressar seu estilo pelo idioma? Como se colocar frente a tantas revoluções, modismos e influências estéticas estrangeiras? A própria localização geográfica impunha essa condição de isolamento e solidão tantas vezes mencionada por Neruda em

diversos momentos, livros e pronunciamentos, o desafio geográfico como nos fala o poeta se colocava como uma condição a ser superada, pois:

É assim o patrimônio dos americanos, nascemos e crescemos condicionados pela natureza que ao mesmo tempo nos nutria e nos castigava. Será difícil apagar esta luta de morte, quando a luz nos golpeou com sua cimitarra, a selva nos incitou a extraviarmo-nos, a noite nos feriu com seu frio estrelado. Não tínhamos a quem recorrer. (NERUDA, 2011, p. 146)

Apaixonado pelo lugar onde nasceu Neruda dizia portar em si a sua terra, ela é parte indivisível de seu ser, sua vontade maior era tornar-se parte dessa imensa terra que é o continente americano, e assim suas raízes perpassam sua poesia, compõem e dão vida aos seus versos. Não poderíamos deixar de mencionar o grande fascínio que os bosques chilenos causavam no poeta desde a infância, a descrição que o faz destes no início de suas memórias também nos deslumbra, como é notável nessas considerações:

Ao pé dos vulcões, junto aos ventisqueiros, entre os grandes lagos, o fragrante, o silencioso, o emaranhado bosque chileno... Os pés afundam na folhagem morta, um ramo quebradiço crepita, os gigantes raulíes levantam sua estatura encrespada, um pássaro da selva fria atravessa o ar, esvoaçava e se detém entre as ramagens sombrias. [...] Quem não conhece o bosque chileno não conhece este planeta. daquelas terras, daquele barro, daquele silêncio, eu saí a andar, a cantar pelo mundo. (NERUDA, 2007, p. 11-12)

Neruda que sempre quis conhecer os rincões mais desconhecidos do mundo se tornou cônsul durante a década de 20, visitando diversos países do Oriente, como a Índia, Djibuti, Colombo, Cingapura, China e Ceilão, destas experiências vemos como Neruda assimila cada cultura, procurando conhecer suas belezas, as cores, as mulheres, os odores, os costumes e as questões sociais desafiantes. Por cada lugar que a tripulação passava, o poeta deixava, com seu olhar descritivo e sensível, se envolver com as peculiaridades de cada povo, fazendo a primeira “imagem viageira” deste encontro com o “outro”, a qual o leitor pode conhecer detalhadamente ao ler o caderno 2 de *Para Nascer Nasci*.

Um dos nossos objetivos na análise foi mapear e acompanhar algumas relações que Pablo Neruda estabeleceu com seus contemporâneos, sua rede de amizades, ele que passou por tantas terras, conhecendo diversos militantes políticos, artistas, escritores, intelectuais. Vários destes são nomes que ficaram inscritos na história, por suas obras e vidas, nos interessa em muito os diálogos e as trocas intelectuais.

Deste modo, tendo como referência o caderno 3: Fogo de amizade de *Para nascer nasci*, escolhemos alguns textos e alguns destes amigos que, aos nossos olhos, tiveram

relações próximas com o poeta chileno, alguns juntamente com suas obras influenciaram e inspiraram a produção poética de Neruda. Nota-se que muitos destes intelectuais e artistas são referidos não só neste caderno escolhido, mas perpassa a obra por inteira, como podem perceber ao longo de nossa análise. Contudo, estes textos são especiais porque foram escritos para estas pessoas, as quais lhes apresentamos.

O primeiro desta lista é Federico García Lorca dentre os inúmeros da “selva de mortos”, (dentre os muitos companheiros espanhóis que teve ao longo da vida como Vicente Aleixandre, Miguel Hernández e Rafael Alberti considerado um “irmão”) assassinado pelas mãos tirânicas dos representantes do governo de sua pátria, representa e significa os muitos que morreram cantando e lutando pela defesa da sua Espanha. Além de poeta, também era dramaturgo e, com sua trupe, deixava Andaluzia e saía passando por aqueles lugares onde a miséria e o sofrimento assolavam de forma assustadora, assim tantos suas peças quanto seus versos foram colocados a serviço destes, que os administradores públicos e a própria sociedade esqueceram.

“Queriam matar a luz da Espanha”, queriam silenciar esta voz questionadora, a qual a Guerra Civil deu cabo em 1936, juntamente com 1 milhão de mortos e mais meio milhão de exilados, entretanto, sua poesia pulsa, sobrevive, atravessa fronteiras e idiomas, chegando aos corações daqueles que fazem de sua vida uma missão em defesa da liberdade de si e de tantos outros. De forma até exaltada Neruda fala deste grande amigo que desperta a dor da Espanha:

A poesia, sua vida e sua morte se repetiram pela terra. Seu canto e seu sangue se multiplicam em cada ser humano. Sua curta vida cresce e cresce. Seu coração destruído estava repleto de sementes: não saberão os que assassinaram que estavam a semeá-lo, que deitaria raízes, que continuaria cantando e florescendo em todos os lugares, em todos os idiomas, cada vez mais sonoro, cada vez mais vivente. (NERUDA, 2011, p. 107)

A outra personalidade lembra muito a Lorca, a força poética, o homem de versos e performances teatrais, por um destino trágico e/ou por mãos autoritárias os levaram a morte prematura não permitindo a continuidade de uma produção de riqueza incalculável. Vladímir Maiakóvski se suicidou em 1930 e, logo em seguida, um de seus amigos publicou uma biografia e, dentre muitas coisas, o objetivo era demonstrar que a morte do poeta russo não foi casual como muitos acusavam pelos jornais da época, o mesmo que aconteceu com o jovem espanhol, como explicar questionava o biógrafo um fato isolado sendo que “no curso de

alguns anos, toda a fina flor da poesia russa foi varrida?” E diríamos não só russa, mas de muitos outros países como a Espanha.

O texto sobre “nosso grande irmão Maiakóvski” apresenta o precursor de um estilo de escrita poética, a qual Neruda muito se inspirou e tomou-a como caminho para sua produção. Sendo o primeiro a inserir na poesia as questões políticas, como o partido, as reuniões sindicais, o proletariado e por outro lado satirizando a burocracia, a pequena-burguesia e seus vícios, a poética política foi uma contribuição deste “gigante” para a poesia contemporânea. Cabe destacar que o poeta chileno não só tomou este caminho poético, mas também acreditou no poder da poesia enquanto uma arma de luta, assim como Maiakóvski, sem falar da enorme admiração e amor que Neruda tinha pela Rússia.

Outro texto e nome que não poderia deixar de ser mencionado é do francês Paul Éluard, por ocasião de sua morte em 1952, Neruda escreveu essas doces considerações para um eterno amigo, o qual manteria viva a presença. A postura que descreve acerca de Éluard se confunde com a sua, cultivador da fraternidade e da bondade, engajado nas causas de seu povo, homem de partido (comunista) e extremamente preocupado com as questões políticas, como podemos notar nestas palavras:

Não se acredite que Éluard foi menos político do que poeta. Assombrou-me amiúde sua clara vidência e sua formidável razão política. Juntos examinamos muitas coisas, homens e problemas do nosso tempo, e sua lucidez serviu-me sempre. (NERUDA, 2011, p. 97)

E, por fim, seu compatriota José Venturelli com quem dividiu as “guerrilhas” do Chile, assim como compartilhou sua visão de mundo através de seus versos ao pintor, este com sua pintura deu vida aos versos de Neruda. Para além da proximidade, gostaríamos de ressaltar que Venturelli foi uma figura muito importante, num momento delicado da vida do poeta, segundo ele uma “mosca” importunava seu país e também passou a lhe perseguir, tendo que se esconder. Nesta época estava escrevendo uma das suas obras mais conhecidas *Canto General*, devido a essa condição, escrevia os textos e os mandava clandestinamente para Venturelli, que foi organizando a obra. Mas quem seria essa “mosca”? Este é mais capítulo triste da história do Chile, o qual analisaremos com mais detalhes a seguir.

## UM CAPÍTULO TRISTE DA HISTÓRIA DO CHILE

Neruda, ao se atentar para o peso que as questões políticas têm dentro de toda sociedade, incorpora cada vez mais o político ao poético, no entanto era preciso ir além, em 1945, advogando as causas socialistas se filia ao Partido Comunista Chileno, tornando-se senador pelo mesmo, tendo em vista que o partido tem uma “função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, intelectual” (GRAMSCI, 1978, p. 15) como já escrevia o italiano Antonio Gramsci.

Com os dados acima ficará mais claro ao leitor, quando ler a análise que fizemos do Caderno 6: Luta pela justiça (*Para nascer nasci*), aqui encontramos dois documentos históricos que revelam a forma como um governo toma sua face autoritária e passa perseguir aqueles que deveriam representar.

O primeiro documento é uma carta de Neruda, a qual publicou em um jornal de Caracas em novembro de 1947 e enviou para diferentes intelectuais de distintos lugares, o escrito denuncia os últimos ocorridos que a imprensa internacional juntamente com o governo chileno tentava esconder, tratava-se da crise democrática do Chile, a qual colocava em risco o caráter democrático do país, o que era considerado um patrimônio, uma tradição nestas terras.

Os acontecimentos eram uma traição por parte do presidente que conjuntamente com forças estrangeiras, principalmente norte-americanas que viram seus interesses prejudicados levou o Chile a uma situação dramática. Cabe ressaltar que González Videla contou com apoio do partido comunista para sua eleição, tendo uma aprovação significativa por parte da população, além disso, quem presidiu a campanha do então candidato foi Pablo Neruda.

González Videla se comprometeu que levaria a cabo as reformas de que tanto seu país necessitava, tendo assinado um documento que dizia se comprometer em aplicar o programa 4 de Setembro que frisava a reforma agrária. Mas o que aconteceu? Ao ser eleito, Videla convidou para ministérios três figuras pertencentes ao partido comunista, estes tentaram desempenhar o que foi prometido, mapearam os problemas sociais e queriam realmente realizar a reforma, no entanto o presidente se envolvia cada vez mais com a oligarquia local e com os estrangeiros detentores das maiores riquezas do Chile, donos de grandes empresas como a Braden Copper Co. e a Anaconda Copper dentre outras, sendo influenciado por estes acabou retirando os três ministros dos cargos.

A exploração aos trabalhadores só aumentava, os salários cada vez menores, a produção agrícola diminuiu para que os donos das terras tivessem lucros, a maioria da população estava em condições delicadas, a fome começava a assolar, diante de tal os trabalhadores se organizam e fazem uma greve geral, o governo por sua parte a torna ilegal e passa a coibir as manifestações se utilizando das forças armadas não só do país, mas estrangeira entregando a estes todas as estratégias de defesa do Chile. Pessoas começam a serem mortas e perseguidas, criam-se dois campos de concentração, a censura faz a imprensa se calar, aumenta a perseguição aos grupos libertadores e a subsequente expatriação de refugiados políticos, a convivência com grupos fascistas, os quais outrora combatera Videla. O grande plano era um golpe militar, não dando certo o presidente procurou decretar uma lei que lhe atribuía “poderes quase ditatoriais”.

No entanto, a pena de Neruda sai em defesa de seu país, ele que estava afastado das suas “obrigações” políticas, a pedido do Partido Comunista, para que terminasse seu livro *Canto General*, retorna a Santiago para ajudar nesta luta, nesta “resistência” contra o cerceamento e a perseguição que se agravava mais ainda, tornando incerto o futuro do Chile, como aponta na referida carta o poeta:

Eu vos escrevo estas linhas para dizer o quão incerta é a situação, que por seu próprio artificialismo pode ser levado a um estado de maior violência. O povo chileno, entretanto, espera tranqüilamente e seu sentido orgânico o faz aceitar as provocações a que dia a dia o Governo o conduz. [...] Este não é um chamado nem um pedido de ajuda. É simplesmente uma carta íntima para milhões de homens que desejariam conhecer o drama de um país que fora o mais orgulhoso entre campeões da liberdade americana. (NERUDA, 2011, p. 298-299)

A referida carta desagradou em muito o presidente, o que o levou a fazer uma petição do mandato de senador de Neruda, no entanto essa atitude só despertou mais indignação no poeta, que saiu em sua própria defesa, pronunciando o segundo documento “Eu acuso”, numa das seções do senado. Rebatendo a sua retirada de direitos, lembra aos presentes as 4 liberdades pronunciadas pelo presidente americano Roosevelt, ressaltando o cerceamento que o governo tem feito sobre as pessoas e os meios de comunicação, ele declara que sua carta não foi um desprestígio para o Chile, apenas contava a verdade, a real situação pela qual passava seu país.

Mais uma vez reafirma que atitude de Videla foi uma traição à pátria, que outros intelectuais e políticos ao longo do curso da história em distintos países já havia sentido o peso da face autoritária de um governo, mas continuaram a lutar, a cantar contra a opressão.

Sendo acusado de voltar-se “contra” a pátria, Neruda ressalta que a sua pátria não é o poder executivo e assim não seria crime algum criticar a ação dele.

No entanto, as coisas se complicam, o partido comunista é colocado na ilegalidade e Neruda passa a ser procurado, não tendo alternativa foge pelos Andes até a Argentina e de lá se exila no México. Dez anos depois, em 1958, quando já havia prescrito o seu mandato de prisão, centenas de chilenos ainda continuavam a sofrer com o exílio imposto pelo ditador González Videla e todo um grupo de reacionários que tentavam perdurar tal situação de exploração e dor a seu povo, Neruda intercede por meio de uma carta ao então presidente (Carlos Ibañez del Campo) solicitando que seja concedido o direito de voto e demais direitos, que todo cidadão chileno deva ter. Assinalava como ser possível ser reconhecido em todos os cantos, como representante de sua pátria, através de sua premiada poesia que canta antes de tudo o seu povo e seu país.

Ao retornar com prêmio Nobel de 1972, é recebido por milhares de trabalhadores (petroleiros, salitreiros, mineiros, mercantes, pescadores...) mulheres e crianças, Neruda fala ao seu povo sobre o grande prestígio internacional que sua pátria tem ganhando ao levar a cabo a real independência de seu país, tornando-o autônomo frente à interferência estrangeira, principalmente com a nacionalização do cobre. E por fim, destaca o eminente perigo que a Unidade Popular e o seu governo tem passado, tendo aumentado os rumores sobre uma guerra civil, mais um triste e inesquecível capítulo que manchou com o sangue de milhares de chilenos a história do Chile.

Em nossa escrita, tentamos considerar Neruda e parte de sua obra, a partir das questões de época, sendo que algumas destas foram comuns para muitos intelectuais espalhados por todos os cantos do mundo, nas décadas de 1960 e 1970 –, buscando compreender o engajamento não como algo exótico frente aos nossos olhos contemporâneos, mas como uma condição e um compromisso para aqueles que, como aponta Delson Biondo:

Tocou viver numa época cheia de incertezas, guerras, tiranias, perseguições e privações de liberdade. Mas felizmente foi também uma época em que os jovens, intelectuais e artistas, na sua maioria, ainda possuíam uma porta aberta, uma opção de vida, uma ideologia a seguir: o impetuoso e pujante caminho da militância política. Talvez muitos jovens de hoje, confortavelmente instalados em suas casas e livres em seus atos e idéias, não consigam compreender as conseqüências terríveis que aquela escolha poderia acarretar aos militantes políticos de países não-democráticos: o silêncio, a tortura, o exílio ou a morte. Mas, por outra parte, valia a pena correr esse risco porque, embora os resultados fossem incertos, os objetivos eram inegavelmente nobres: usar as palavras para transformar a sociedade, combater



---

o obscurantismo, batalhar a favor da liberdade de expressão e em defesa da vida e da paz, realizar o sonho de um mundo melhor para todos. (BIONDO, 2005, p. 51-52)

Enfim, desejamos que Pablo Neruda, um dos maiores nomes da literatura, da poesia contemporânea continue a inspirar, através de seus versos e de sua postura engajada, aqueles que acreditam e lutam por “realizar o sonho de um mundo melhor para todos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Margarita. **Genio y figura de Pablo Neruda**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1967.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BLOCH, MARC. **Apologia da História: ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BLOOM, Harold. Borges, Neruda e Pessoa: Whitman Hispano-Português. In:\_\_\_\_\_. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.442-468.

BIONDO, Delson. Neruda e o México: Encontros e Desencantos. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n°. 65, p. 43-69, jan./abr. 2005, p. 51-52.

CAMILLOTI, Virgínia; NAXARA, Marcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, jan./jun., 2009, p.15-49.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In:\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.3-23.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**. Literatura. Folclore. Gramática. Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LANGLOIS, José Miguel Ibáñez. **Rilke, Pound, Neruda: três Mestres da poesia contemporânea**. São Paulo: Nerman, 1988.

NERUDA, Pablo. **Para nascer nasci**. Tradução de Rolando Roque da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **Confesso que vivi**. Tradução de Olga Savary. 30ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NUNES, Leandro José (org.). Dossiê – História e Literatura. **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, n°45, Jul./Dez., p. 15-254, 2011.

PAULA, Dilma Andrade de. De máquinas e feras: o ambiente ferroviário em *A Besta Humana*, de Émile Zola. In: DUARTE, G.R., FROTSCHER, M., LAVERDI, R. (Org.). **Práticas socioculturais como fazer histórico: abordagens e desafios teórico-metodológicos**. Cascavel-PR: Edunioeste, 2009, p.263-285.

\_\_\_\_\_. Entre Estado e poder: o papel dos intelectuais, agentes da e na sociedade civil. **Historia & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, Jul./Dez., v. 48, p. 155-190, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão** – Tensões sociais e criação na Primeira República. 2ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SOLER, José Carlos Rovira. **Neruda: el tempo español de la solidaridad y el compromiso**. Biblioteca virtual Miguel de Cervantes. Disponible en: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/neruda---el-tiempo-espaol-de-lasolidaridad-y-el-compromiso-0/html/000ab534-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_2.html#I\\_1](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/neruda---el-tiempo-espaol-de-lasolidaridad-y-el-compromiso-0/html/000ab534-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_1)

VIEIRA, Beatriz de Moraes. Poesia e história: diálogo e reflexão. **Artcultura**. Uberlândia: EDUFU, v.7, n.10, jan./dez., 2005, p.7-21.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em julho de 2015.